



COLETE ENCARNADO

REVISTA 2019

5 . 6 . 7 JULHO VILA FRANCA DE XIRA

SEXTA-FEIRA **5 DE JULHO**
18h00 **ESPERA DE TOIROS**
seguida de largada

22h30 **GRANDES CONCERTOS**
RESISTÊNCIA | FESTA M80
Palco Av. Pedro Victor

SÁBADO **6 DE JULHO**
10h30 **CORRIDA DE CAMPINOS**
Largo 5 de Outubro

16h00 **HOMENAGEM AO CAMPINO**
Pr. Afonso de Albuquerque

16h30 **DESFILE DE CAMPINOS,
CAVALEIROS AMAZONAS
E TERTÚLIAS**
ruas da cidade

18h30 **ESPERA DE TOIROS**
seguida de largada

22h00 **GRANDES CONCERTOS**
**EL AMIR-FLAMENCO | R.A.Y.A
LOS CAVAKITOS**
Palco Av. Pedro Victor

22h30 **NOITE DA SARDINHA ASSADA**
Posto público na R. 1.º de Dezembro

DOMINGO **7 DE JULHO**
02h00 **GARRAIADA**
Praça de Toiros «Palha Blanco»

10h30 **ESPERA DE TOIROS**
seguida de largada

18h00 **CORRIDA DE TOIROS**
Praça de Toiros «Palha Blanco»

22h00 **GRANDES CONCERTOS**
ORQUESTRA LIGEIRA DO EXÉRCITO
COM A PARTICIPAÇÃO DE FADISTAS DE VILA FRANCA DE XIRA
Palco Av. Pedro Victor

Consulte toda a programação em www.cm-vfxira.pt

COLETE ENCARNADO | REVISTA

Propriedade
Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

Direção
Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
Alberto Mesquita - Presidente

Edição
Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
Divisão de Turismo
Divisão de Comunicação e Imagem

Capa
Espera de toiros na Rua Serpa Pinto, em Vila Franca de Xira.
GOES, Reportagens Fotográficas, séc. XX.
Ilustração sobre pormenor
Coleção do Museu Municipal de Vila Franca de Xira

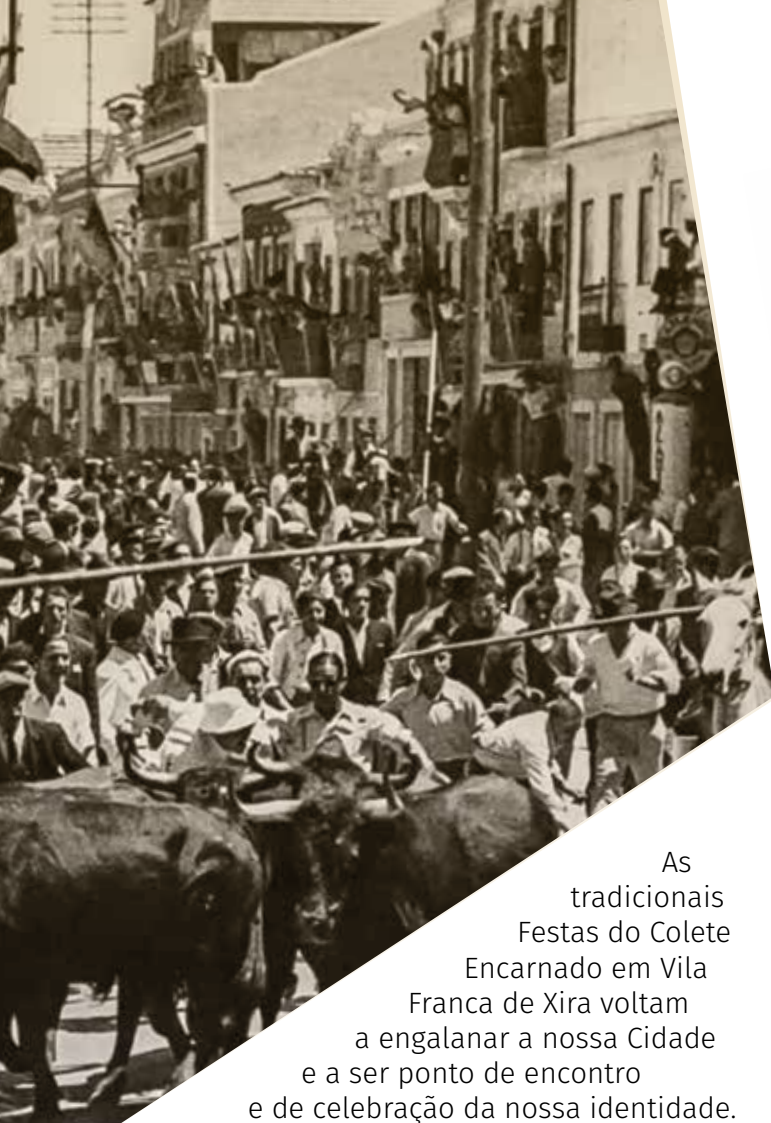
Design e Paginação
Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
Divisão de Comunicação e Imagem
Carla Félix

Impressão
REDOLPRINT, Artes Gráficas, Unipessoal, Lda

Tiragem
4000 exemplares

Distribuição gratuita
junho de 2019





As tradicionais Festas do Colete Encarnado em Vila Franca de Xira voltam a engalanar a nossa Cidade e a ser ponto de encontro e de celebração da nossa identidade.

Entre os muitos fatores de diversão e de atração turística associados a estes festejos, nos quais a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira se empenha fortemente, vale sempre a pena sublinhar o aspeto mais importante e que está na génese da criação do Colete Encarnado: o Campino. A homenagem a este Trabalhador do Campo é transversal a todos os aspetos deste grande evento e isso está também muito evidente na forma cuidada como elaboramos cada um dos artigos que integram esta publicação anual. A celebração da nossa ligação à vida no campo e à cultura tauromáquica faz-se também aqui, nas páginas desta revista, que dá a conhecer um pouco mais desta vivência e do que ela representa no nosso meio cultural, social e económico.

O espírito da Festa vive-se por toda a cidade, num ambiente único de alegria e saudável convívio que não deixa ninguém indiferente. Vila Franca de Xira recebe milhares de visitantes ao longo destes três dias, com a hospitalidade que tão bem a caracteriza. Nos pontos centrais da cidade onde irá decorrer a animação musical, nas tertúlias que abrem as suas portas ou nas



EDITORIAL

Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

Alberto Mesquita

casas particulares que aproveitam esta ocasião para juntar familiares e amigos, todos estaremos na rua a viver intensamente cada momento do programa.

Neste primeiro fim-de-semana de julho volta a fazer-se a simbiose entre a cidade e o campo, com toiros e cavalos a percorrerem as ruas. A Cultura Tauromáquica estará presente nas esperas e largadas e também nas corridas de toiros na centenária Praça "Palha Blanco". No sábado à tarde cumpre-se uma das mais belas tradições do Colete Encarnado, juntando no Largo da Câmara Municipal os campinos e toda a população, na homenagem ao Campino. Este ano distinguimos José "Mimoso" e através dele, todos os que continuam a manter viva esta nobre profissão.

Nos palcos, a animação musical vai ser uma constante. Para além dos locais habituais, teremos este ano, pela primeira vez, um palco colocado na Praceta da Justiça, trazendo ainda mais diversidade à nossa programação.

Nesta 87.ª edição da Festa do Colete Encarnado, temos muito gosto e muito orgulho em promover, uma vez mais, uma das maiores festas tradicionais do Ribatejo, com muita qualidade, muito profissionalismo e muita dedicação, exaltando desta forma os nossos valores e as nossas raízes históricas mais profundas.

Sejam todos muito bem-vindos ao Colete Encarnado 2019!

JOSÉ "MIMOSO"
CAMPINO HOMENAGEADO
COLETE ENCARNADO 2019

DE LISBOA PARA O RIBATEJO FEZ-SE UM CAMPINO DE TRAQUEJO

Lisboa de 1943 era a capital de um Portugal neutro à II Guerra Mundial, onde a subsistência diária das famílias era dura. Nasceu na Maternidade Alfredo da Costa o filho de um casal, oriundo do Cartaxo e de Benavente, que chegou à cidade na esperança de uma vida mais desafogada. Expetativas frustradas, já com o filho varão para alimentar, a solução foi entregar o bebé, com oito dias de vida, aos avós maternos, em Santarém. A decisão baseada na necessidade de os pais garantirem a sobrevivência deste filho, numa época ensombrada pela ditadura e miséria, ditou o futuro profissional deste homem: José "Mimoso", o Campino Homenageado do Colete Encarnado de 2019.





A vida tem destes desígnios. Nascido num grande centro urbano, o destino que o aguardava não era, à partida, muito auspicioso. Mas, fazendo uma finta ao alto índice de mortalidade infantil e atualmente com 76 anos, José Joaquim da Silva, no rescaldo da sua atividade profissional, é um homem feliz e realizado. Feliz porque ganhou a vida a fazer o que mais gostava. Realizado pelo reconhecimento que o seu ofício alcançou em todo o país e até além-fronteiras, como pertença de uma etnografia e folclore identitário de toda a região, mas também por este ser considerado parte de uma arte, apenas dominada por um grupo muito restrito de homens.

A campo aberto, nas pastagens, nos enjaulamentos, nas tentas, nas tarefas sanitárias ou ainda noutros espaços menos favoráveis ao controlo da varada, nomeadamente no redondel da praça, na recolha dos touros após o culminar da lide, o campino está sempre à mercê dos desafios que advêm da dureza do trabalho, da imprevisibilidade do maneio do gado bravo. A sua postura diária de vida obriga-o a estar sempre investido de um espírito de sacrifício e coragem para vencer as adversidades que se colocam no exercício do seu ofício. Começam em tenra idade a apreender com os seus pares mais experientes os conhecimentos ancestrais da arte, enriquecendo-a ao longo do percurso profissional, normalmente extenso. Do cimo da montada, de pampilho em riste, a simbiose entre a arte e a agilidade, usam de galhardia para vencer o desafio de forças, à partida, desequilibradas: o de um homem, com poucas dezenas de quilos, perante animais de temida bravura, que na maturidade da sua vida atingem algumas centenas de quilos.

João Rodrigues: o avô mentor

Os primeiros passos na arte de manear o gado foram dados ao lado do avô, João Rodrigues, cocheiro da Casa Vigário, em Santarém. José “Mimoso” tinha oito anos quando foi tomar conta de carneiros de cobrição daquela Casa Agrícola. Após frequentar apenas os dois primeiros anos do ensino básico, o apelo do campo foi maior. “Aprendi a ler e a escrever, na escola de Santa Clara, em Santarém, mas não gostava de estar preso, nunca gostei” explicou José Joaquim da Silva, que para além de ter herdado do avô o gosto pelo campo e pelo maneio dos animais, herdou a alcunha pela qual era conhecido.

“O meu avô trabalhava com um colega que também se chamava João. Quando o patrão chamava um deles era uma confusão, porque olhavam os dois. Como o meu avô tinha um cavalo chamado Mimoso e o colega tinha um de nome Carochinho, um ficou João Mimoso e o outro João Carochinho. Mais tarde também fiquei conhecido pela mesma alcunha” explicou José “Mimoso”.

Até aos 21 anos trabalhou na Casa do Dom Duarte da Atalaia (Gaio, Cartaxo). Seguiu-se um interregno dedicado ao labor com as extensas vinhas da região, tendo regressado ao trabalho com animais, mais propriamente com cavalos, ao serviço da proprietária, à época, do Hotel Ritz cuja filha estava a aprender a tourear. Era tratador de cavalos, em Carnaxide, Concelho de Oeiras. “Ganhava 500 escudos por mês comidos e dormidos”, recordou o septuagenário, envergando com orgulho uma farda de gala imaculada, usada muitas vezes nas festividades da região, representando as casas agrícolas onde trabalhou.





A “gaiata” da sua vida

Foi neste período, mais propriamente na Quinta de Santo António, em Algés, quando estava em cima de um cavalo, que assistiu a uma cena que lhe despertou a atenção: “Um homem com uma vara de tocar bois a dar pancada numa gaiata”. Tempos mais tarde, um amigo, bombeiro, convidou-o a ir almoçar a casa de uma senhora, que reconhecida de a ter levado ao hospital, quis agradecer oferecendo ao socorrista um repasto caseiro. Em boa hora recebeu e acedeu ao convite. Coincidência ou simples desígnio do destino “quando cheguei bati com os olhos na gaiata e foi amor à primeira vista. Era bonita, morença, muito bem feitinha. Pedi-a em namoro ao pai, pastor de ovelhas da dona da praça de touros de Algés, ele concordou, mas depois não me deixava namorar. Com os copos era assim” recordou de mente viva o Campinho Homenageado do Colete Encarnado, asseverando que “ainda hoje a namoro e ainda me sabe tão bem!”.



O regresso do Golfo da Guiné a par da partida do “pai”

A violência doméstica que sofria Maria Antónia Silva, a obrigatoriedade de cumprir o Serviço Militar no Golfo da Guiné, em São Tomé e Príncipe precipitaram a história de amor deste par que culminou num casamento que dura há 55 anos e do qual nasceram três filhos. Autorizações dadas pelo Estado Português ao militar e à jovem que não tinha ainda atingido a maioridade (21 anos à época) a união resistiu ao desterro de 28 meses. Regressou a casa, sem males de maior, mas não conseguiu estar presente na partida do avô, ocorrida precisamente dois meses antes do desejado retorno a casa. Quando recordou este momento, o homem garboso cedeu. Abalou-se sob o turbilhão de emoções que o assunto ainda lhe causa, às saudades, ao reconhecimento que nutria por João Rodrigues. A expressão ensombrou-se, os olhos marejaram quando referiu: “Ele era o meu pai”.

De regresso à família, na altura composta por mulher e filho, era tempo de voltar ao ativo, ao campo, à única profissão que conheceu e pela qual nutria uma grande paixão. Aos 26 anos regressa à vida ativa como maioral na Casa Agrícola Lima Monteiro, em Santarém. Procurando melhores condições de vida serviu também a Casa Agrícola Francisco Ribeiro, em Vila Chã de Ourique e na Quinta do Mocho, em Santarém. A passagem deu-se em crescendo, tanto no que toca à experiência, como nas funções assumidas e, melhor ainda, como o mérito pelo seu trabalho sempre foi reconhecido, o ordenado foi sempre melhorando, um grande benefício para a sua família que na altura já contava com cinco elementos. Mas quando tudo parecia promissor e garantido veio o período pós 25 de Abril e o trabalho começou a escassear.



O virar de costas à arte

A estratégia para a sobrevivência da família Silva passou pelo virar de costas do patriarca à sua arte, ingressando na função pública. “Andei aos caídos. Não havia trabalho e fui para as vinhas. Como fui condecorado com a medalha de prata dos serviços extintos em África, 1.º cabo e tinha na caderneta militar este louvor, resolvi concorrer para cantoneiro da Câmara Municipal do Cartaxo e mais tarde fui para a de Vila Franca de Xira”. Enfrentando as obrigações que decorriam do seu papel de pai de família, desistiu do trabalho que tinha abraçado, ainda antes de ter completado uma década de vida. Na casa dos 30 anos, a única solução que se apresentava estável era, inequivocamente, esta. Ao fim de 15 anos de trabalhos esforçados e sintomas de que a sua saúde não permitia que continuasse a desempenhar aquelas tarefas, regressa às origens, a Santarém, para assumir as funções de maioral da Casa Agrícola de Herdeiros de Paulino da Cunha e Silva, em Alcanhões. A vida volta a contrariar a sua vontade e aos 55 anos veio o derradeiro diagnóstico médico: as lesões na coluna obrigavam a uma reforma antecipada.

Precipitou-se o fim de uma carreira desempenhada com muito mérito e dedicação, mas acima de tudo o ponto final na rotina que o fazia viver a sensação da liberdade, de fruir dos dias na natureza, na companhia dos animais a que diariamente se dedicava, enfim extinguiu-se a sua fonte de juventude e prazer, com a qual tinha contado desde sempre. Acrescia ainda o facto de nutrir grande consideração pelo patrão. Aliás, ainda enverga no colete o reluzente ferro da Casa. “Estive lá 10 anos e ainda a represento nas festas como maioral” referiu com orgulho alentado.



Viver para contar depois de ter estado entre os cornos do touro

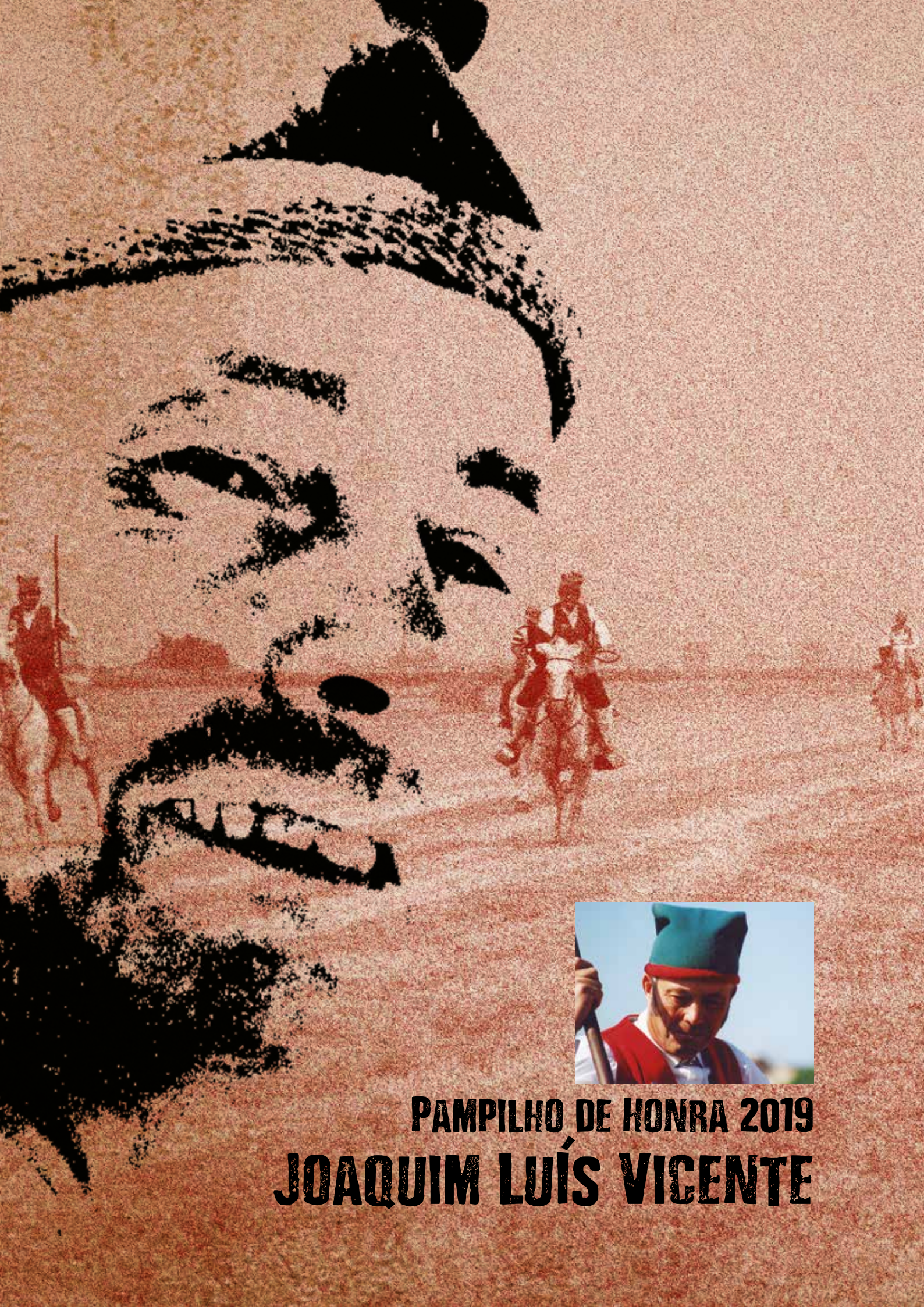
É com o mesmo tom, mas de semblante sério que recorda um dos episódios marcantes na sua faina campera. “O primeiro susto que apanhei com gado bravo foi a pé, foi a meter touros para um enjaulador. Foi mau. Vínhamos com os cabrestos para o curral pequeno, para depois serem apartados para a corrida. Um caramelo que lá estava para fechar o portão, não o fez como devia de ser e veio logo um touro, deu uma mocada no portão e claro abriu-o logo, entrando a correr para o curral grande, onde eu estava apeado. Corri para um recanto porque o animal, de cerca de 500 quilos, veio logo a mim. Cornos na parede e focinho nas minhas virilhas. Fiquei quietinho, sentia a respiração do bicho e não me contive, fiz por mim abaixo. O Salvação Barreto bateu no burladero e o animal arrancou direito a ele, mas ainda assim não tive forças para sair dali. Tive de ser içado por um colega que me deitou a luva e içou-me pelo colete” recordou o campino manifestamente aliviado, mesmo decorridos quase 50 anos sobre o episódio.

Nada disto o tornou mais destemido, apenas mais cioso da sua responsabilidade como elemento fundamental para a criação do touro de lide, o elemento basilar da Festa Brava. “Quando era dia de enjaular touros, logo pelas 6 horas da manhã, e depois os acompanhar às praças, não conseguia comer nem beber, era logo uma pilha de nervos. Enquanto os touros não fossem corridos e depois recolhidos, não descansava” afirmou com brio inflado.

Estas certezas desvanecem-se quando o assunto é o reconhecimento público do mérito alcançado com tantas décadas ao serviço da campinagem. Quando acolheu a notícia da distinção que lhe vai ser dedicada no sábado de Colete Encarnado, o primeiro instinto remeteu-o para a descrença na boa nova. Reafirmada a certeza de que a escolha dos seus pares para este tributo era, inequivocamente, a sua pessoa, José “Mimoso” rematou serenamente, ainda que indelevelmente satisfeito: “Vila Franca de Xira é a nossa Sevilha do Ribatejo, de Portugal. Estou feliz por esta reconhecer, nas Festas do Colete Encarnado, o mérito do meu trabalho”.

Texto: Prazeres Tavares
Fotografias: Helder Dias





PAMPILHO DE HONRA 2019
JOAQUIM LUÍS VICENTE

No momento mais solene da festa maior de Vila Franca de Xira evocamos, numa sentida homenagem póstuma, um profissional de excelência. Joaquim Luís Vicente será o nome inscrito no Pampilho de Honra empunhado nos Paços do Município.



Nascido a 25 de abril de 1935 no Carregado, Concelho de Alenquer, Joaquim Luís Vicente foi o segundo de quatro filhos a chegar ao mundo e o primeiro a seguir as pisadas do pai. Completando a 4.ª classe de escolaridade arranhou outra cartilha, a que mais lhe enchia o coração: lidar no campo, lavrar, tratar dos animais, nomeadamente das éguas no que cedo lhe reconheceram um jeito inato. Aos sete anos agarrava a liberdade dos campos e acompanhava o pai e todos com quem podia aprender.

Aos 14 anos já lhe reconheciam a profissão de campino, iniciando-se nas esperas de toiros pela mão de José Tavares. A apelidada de “mãe” de todas as ganadarias portuguesas, Pinto Barreiros, foi a sua casa. Ali (em Azambuja) cresceu, ali se fez homem e mestre na campinagem. Muito cedo se fez maioral, peça fundamental de uma ganadaria de referência que trouxe glória à festa taurina.



Talhado para o ofício, não conhecia o medo

Ao meio, Joaquim Luís Vicente

Joaquim foi um campino à moda antiga, preservou o brilho e os preceitos do ofício, fez e deu escola na arte do maneio do gado bravo. Vivia o campo 24 horas, sem feriados ou férias, numa paixão desenfreada. Só dividiu o seu coração quando se enamorou por uma moça de seu nome Isabel Pereira da Silva. Embora sua prima direita, fê-lo pensar na sorte de ter encontrado quem lhe completava as indefinições. Sem hesitações veio a casar com quem lhe deu a sua filha, Maria Teresa que, hoje, recorda com orgulho um extremoso pai e um destemido e dedicado campino. Conta-nos que, muitas vezes, o pai referiu não se ver a fazer outra coisa na vida, era talhado para o ofício e não conhecia o medo. Todas as corridas com toiros Pinto Barreiros contavam com a experiência de Joaquim Luís. Correu as praças de todo o País, ganhou inúmeras provas de condução de cabrestos e corridas de campinos.

“Levava sempre um corno do cabresto a roçar na garupa do cavalo porque o tinha bem treinado”

Liderava as esperas de toiros nos municípios de maior tradição tauromáquica e a sua experiência permitia-lhe antecipar os proble-



Maria Teresa, filha de Joaquim Luís Vicente

mas e evitar graves acidentes com os aficionados mais incautos. Contudo, deste percurso fazem sempre parte alguns acidentes e Maria Teresa recorda alguns, como aquele nas esperas de toiros em Azambuja, onde a montada de Joaquim ficou gravemente ferida. Relembra o susto quando pressentiu que algo tinha acontecido com o pai: “ele ia sempre à frente com o colega Carniça e levava sempre um corno do cabresto a roçar na garupa do cavalo porque o tinha bem treinado”, explica-nos. Felizmente, nessa ocasião, o pai ficou bem embora transornado com o estado do seu cavalo. Outras vezes houve de onde saiu maltratado com sequelas na coluna. A erosão do tempo não lhe esbate as memórias e tem presente a imagem do pai, num elegante porte, dominando a sua

arte. Recorda a adoração de Joaquim pelo seu cavalo russo e por todos os animais com que lidava.

Na sua razão cumprir o ofício de modo metucioso não era mais que o seu dever

De poucas palavras e personalidade forte, mas sobretudo humilde, julgava as homenagens que lhe propunham desnecessárias, considerando que a forma como cumpria escrupulosamente o seu ofício não era mais que o seu dever. Recusou várias, mas não pôde evitar uma surpresa em Azambuja, onde, em maio de 2009, a Associação “Poisada do Campino” decidiu agraciá-lo e elogiá-lo pela sua entrega às festas da terra.

A reforma impôs-se aos 75 anos, mas de tão apaixonado que era pela sua profissão desgostou-se com as saudades da vida no campo, a sua verdadeira casa. Perdeu ânimo com a dis-

tância dos seus animais e recolheu-se ainda mais, abrindo brechas para as mazelas da idade. Começaram a acusar em maior dose a diabetes e os sinais da doença de Alzheimer, até que se encontrou no hospital, onde viria a sofrer um fatal Acidente Vascular Cerebral. Com poucas horas de vida ainda resistiu até ver o neto. Despediu-se de todos a 14 de maio de 2018. Aos 83 anos partiu um homem de reconhecida conduta séria e respeitosa com a qual também envergou, toda a sua vida, o colete com ferro Pinto Barreiros.

Pela forma como honrou o compromisso da campinagem, os seus companheiros de profissão, o Município de Vila Franca de Xira, a Festa Brava e os amigos prestam-lhe a derradeira homenagem. A família sente um imenso orgulho neste reconhecimento e, num momento repleto de simbolismo e emoção, acompanhará as palmas ao campino que honrou a tradição desta figura ímpar do Ribatejo.



GANADARIA VEIGA TEIXEIRA TRAÇOS ANCESTRAIS

Com preâmbulo no final do século XIX, a história desta ganadaria foi desenhada por relevantes personalidades do mundo tauromáquico e da lavoura. Nesta edição recordamos a génese dos toiros Veiga Teixeira.





Rumámos ao Alentejo, ao concelho de Montemor-o-Novo, mais precisamente, à Herdade de Pedrogão na antiga freguesia de Lavre, para conhecer uma das mais afamadas ganadarias portuguesas.

António Francisco da Veiga Teixeira recebeu-nos naquela que foi também a casa de Mestre Simão Luís da Veiga, pintor naturalista da escola de Malhoa e cavaleiro tauromáquico, o seu bisavô.

Filho de António José da Veiga Teixeira, um carismático lavrador, ganadeiro e cernelheiro, António Francisco herdou deste os comandos da ganadaria, cuja construção envolveu várias ramificações da família, todas elas de longa tradição ganadeira, como Correia Branco, Malta Veiga e Teixeira.

Ganadeiro por romantismo sente este mundo desde criança e ficou-lhe impressa a paixão pelos touros. Enquanto nos mostra um valioso e ancestral património, como quadros pintados pelo seu bisavô, com temas campestres e taurinos ou cartéis, religiosamente cuidados e onde figura o seu avô Veiga Simão Júnior (da designada por “Idade de Ouro” do toureio a cavalo), vai desfiando a secular genealogia que compõe esta história. Consigo carrega a responsabilidade trazida pelos grandes exemplos de resiliência das suas gerações passadas que, não obstante, ultrapassaram barreiras e dificuldades várias, fazendo desta casa uma referência lusitana.



“Não são demasiado grandes, sobressai a mobilidade”

O atual efetivo é composto por 120 vacas de ventre, seis sementais e a sua exploração solar dá-se nos cerca de 1000 ha da Herdade do Pedrogão. Aqui encontram-se também os novilhos de três anos, os toiros de quatro, as vacas e as novilhas de tenta. Os **añojos** e os **erales** pastam em duas propriedades em Coruche.

Já no remanso do pasto avistamos uma massa de pelagem predominantemente preta. São touros de elevado porte, em esqueleto e não necessariamente em peso. O criador explica-nos que “não são demasiadamente grandes” e para que se saíssem bem em praças de primeira, algum do trabalho no apuramento focou-se, concretamente, em conseguir a harmonia pretendida entre trapio, apresentação e nobreza.

Estes animais são fruto do regime alimentar realizado em pastoreio natural, com exceção para períodos de crise em que, ainda assim, acresce somente silagem de milho. O trabalho sanitário, a manutenção da boa saúde e higiene da ganadaria, é igualmente referida como fundamental na faina campera diária, realizada também com grande mão do maioral José Maria Pinheiro.

No tentadero mais antigo de Portugal

A essência da investida das reses é avaliada num rigoroso processo de seleção levado a cabo nas tentas. Com dois anos são apartadas as fêmeas para que lhes seja avaliada a bravura, curiosamente, naquele que é o tentadero mais antigo e em funcionamento do País, datado de 1890 (a sua tetravó mandou construí-lo para o filho Simão da Veiga tourear). O objetivo ali é, obviamente, conseguir uma seleção de curros de qualidade e, para o efeito, António refere atribuir igual peso às varas e à muleta, garantindo que os seus animais acometem com **fiezeira** e proporcionam emoção na arena. Sob a experiência e olhar atento de especialistas, a Casa aproveita o ensejo para, nestes momentos, abrir portas a escolas de toureio portuguesas e espanholas, contribuindo para o treino de novas promessas na Arte.

Triunfadora em inúmeros concursos, a ganadaria arrecada em média três a quatro prémios por ano, diz-nos António da Veiga Teixeira, rasgando um sorriso de satisfação quando nos mostra uma verdadeira montra de troféus. Recorda, no transato ano, o triunfo em Arruda dos Vinhos, Estremoz e Vila Franca de Xira, bem como as cinco voltas de triunfo à arena que não têm sido nada invulgares e que “já vão dando para os restantes elementos da família entrarem na arena para agradecerem os aplausos”, lança com orgulho.





Esboço histórico

O criador conta-nos que em 1890 saíram à praça os primeiros toiros. Os contornos desta ganadaria começaram a desenhar-se por António Correia Branco, com gado da terra, como acontecia nos primórdios de quase todas as ganadarias, e com introdução posterior de sementais de casta espanhola, de pura linha Parladé, que viriam a dar mais bravura ao toiro de lide.

Mais tarde, por volta de 1920, D.ª Mariana Correia Branco vê o seu ferro, CB, ser reforçado com a introdução de sementais de casta espanhola de Pinto Barreiros, apelidada de ganadaria “mãe” de todas as ganadarias portuguesas. Quando, logo a seguir, a Casa passa para as mãos de António Feliciano Branco Teixeira, o ferro passa a AT. Já pela mão do filho deste, António José da Veiga Teixeira, são introduzidos, em 1948, mais vacas e touros de procedência Gamero Cívico.

O ferro em 1968 sofre ainda outra alteração, sendo substituído por um ferro espanhol, usado ainda hoje no seu gado bravo, uma vez que para lidar em Espanha e segundo a **Union de Criadores de Toros de Lidia** (união espanhola de ganadeiros) era exigido um ferro daquela nacionalidade. Somente por esta razão legal, o registo de antiguidade da ganadaria data de 6 de maio de 1928.

Posteriormente foi ainda aumentada com gado bravo de Oliveira Irmãos e de Durão.

Apesar de efetuarem outras introduções a título de experiência e para refrescamento de sangue, evitando problemas de consanguinidade, mantiveram-se fiéis às origens, voltando à fórmula inicial. De procedência Irmãos Garcia Fialho, a divisa vermelha e negra tem como encaste atual Oliveiras Irmãos e Parladé.



“A Festa Brava é para todos”

À data da nossa conversa estavam já em agenda várias corridas, cinco no País e uma novilhada para França. Os seus clientes são as praças portuguesas e, embora abordados com diversas propostas do mercado espanhol, confirma um afastamento deste, que insiste em praticar preços que, no seu entender, provocam uma desinteressante e danosa concorrência.

Sobre eventuais constrangimentos à boa continuação de toda a atividade tauromáquica frisa que “é preciso não deixar como verdade absoluta o discurso anti taurino”, demonstrando estar em falta a passagem à população de conhecimentos e factos sobre a tauromaquia para que cada um, esclarecidamente, seja capaz e livre de decidir sobre o tema. Refere, ainda, a dimensão das praças, defendendo que quanto mais diminuta mais os preços dos espetáculos são elevados, tornando-se elitistas, palavra que, no seu entendimento, não se aplica de todo à Festa Brava. Defende que a raiz desta é popular e, por conseguinte, assim deve continuar, para e com todos. A este propósito dá-nos a sua visão da Festa Colete Encarnado, onde revê, precisamente, o forte envolvimento

popular, fundamental para o engrandecimento do evento e “um dos aspetos que nele se destaca até aos dias de hoje”. Recordava ainda saudoso quando, nos anos 70 desfilava a cavalo nas ruas de Vila Franca de Xira e até aquela manha da curva ao início da R. Serpa Pinto, que todos os cavaleiros que por ali passam conhecem.

Na família de António da Veiga Teixeira há, com toda a certeza, a intenção de manter as rédeas desta Casa e de continuar a brindar a **afición** com o seu trabalho. Os seus dois filhos (António e João) são aficionados, sendo que o mais novo (João), quando questionado aos cinco anos se queria ser forçado ou toureiro respondia pronta e assertivamente, que o que queria era “ser o dono das vacas”! Assim, com os olhos no futuro, a entrega mantém-se para que se concretizem mais temporadas sublimes, fazendo jus a preciosos séculos de história.

Texto: Ana Sofia Coelho
Fotografia: Vítor Cartaxo



Conhecer a Herdade do Pedrogão e o toiro bravo no seu *habitat*

Disponíveis para visitas turísticas, a Ganadaria recebe grupos com um número de elementos restrito, de forma a proporcionar uma oferta especial e cuidada, quer no acompanhamento quer nas refeições. Viver um dia no campo, com a possibilidade de estadia, conhecer a Herdade e os animais no seu estado mais puro, pela mão do próprio ganadeiro, fazem parte do programa possível mediante marcação prévia.



**ENTRE O FADO,
A GASTRONOMIA
E OS TOUROS, EIS UMA
TERTÚLIA QUE VIVE
A *AFIÇÃO* DURANTE
TODO O ANO.**





Criada no ano de 1990, embora com outras designações, a Tertúlia “Os Farras” representa todo o espírito da gente castiça e de trato amigável que nos abre as portas com uma tão grande familiaridade como se de sua própria casa se tratasse. Desde 2012 que estão nas atuais instalações, na escondida Travessa dos Quebra Costas, n.º 2 A.

Recordam-nos ainda com a memória fresca que tudo começou num quintal, que funcionava só na altura do Colete Encarnado; mais tarde houve um outro ponto de encontro na Rua Direita “A Casa de Campo” mas que também só existia na altura da festa anual vila-franquense dedicada aos touros por excelência.

“Os Farras”, um grupo ativo de 15 a 20 pessoas, dinamizam atividades de convívio tauromáquico e têm a seu cargo um espaço de apoio e confraternização para todos os curiosos e amigos que mantenham viva a afición que tão bem caracteriza Vila Franca de Xira.

As instalações

Nos primeiros tempos, a Tertúlia resumia-se a um grupo de amigos que se reuniam, durante o Colete Encarnado, para poderem partilhar desta paixão pelos touros.

O espírito mal passamos a porta de entrada é evidente: as paredes estão forradas com programas de antigos Coletes Encarnados, há uma parede dedicada aos fadistas de Vila Franca de Xira e outra com fotografias de alguns acontecimentos das largadas de touros da cidade.

Lá em baixo fica a “Adega do Ti Zé” e, em cima, está o pátio com os fogões e lava-louças, cozinha e a sala de jantar (que outrora fora um pombal), onde fomos brindados com um apetitoso lanche. Nos momentos em que ali se junta muita gente, espalham-se por todos os corredores e todos os cantos respiram tauromaquia.

Da última “Feira das Sopas” em que participaram, resultou algum dinheiro que ajudou às mais recentes obras.

Na sala onde decorreu a nossa conversa, vemos fotografias de toureiros de Vila Franca, como José Júlio, Mário Coelho, Vítor Mendes, José Falcão e Rui Bento





Vasquez (matadores de touros) e continuamos a ter alguns programas antigos. Noutra parede está a madrinha da Tertúlia, a jovem fadista Margarida Arcanjo, atualmente a viver em Londres, mas sempre presente em espírito, e parte do espólio (quadros) que a Câmara Municipal foi oferecendo à Tertúlia ao longo dos anos.

Fotografias de cavaleiros e ferros de ganadarias estão pendurados do outro lado e numa parte superior é exibida uma orelha da Comissão das Tertúlias. “Ficámos com a amostra da primeira que o Falcão cortou”, conta-nos o nosso anfitrião, Mário Ferreira, que, a par de Leonor Costa, nos vão dando os pormenores daquilo que fazem com tanto gosto.

As atividades

Continuamos numa mesa que já terá sido palco de muitos repastos e que agora serve para nos sentarmos à sua volta a passar em revista todas as piadas que se repetem quando personagens e momentos desta “família” são assunto.

O espírito dominante é “farra, comer, beber, e festa com alguém que cante alguma coisinha”, dizem-nos, já que tem de haver fôlego para todos os encontros nos quais é preciso trabalhar antes, durante e depois mas divertem-se neste “fazer bonito” para receber bem a seguir.

O elemento-chave partilhado por todos é o gosto pela Festa Brava. Quando toca a campanha para se juntar mais alguém, as gargalhadas multiplicam-se porque nada mais é que um chocalho que dá o sinal.

Com 83 anos, chega a D. Júlia, uma das mais antigas figuras desta história e que se junta a nós durante o convívio que motivou esta conversa. Dias houve em que ajudou a pôr os azulejos, também faz rissóis e croquetes, e ainda canta o fado no final das noites de festa.

Para se manterem “vivos”, “Os Farras” organizam eventos como homenagens a fadistas e também já fizeram uma tertúlia para deficientes motores; em novembro de 2018 organizaram o colóquio “Música, Touros e Fado”, que conseguiu juntar os fadistas Rodrigo e Margarida Arcanjo, o cavaleiro Manuel Bastos e o maestro Carlos Gonçalves.

Também fizeram um encontro que juntou a poesia e o fado com o professor de Filosofia Joaquim Marques, que escreve letras de fados, e vão organizando vários lanches-convívio de aficionados ribatejanos. Há dois anos, houve um almoço para o Grupo de Forcados das Caldas da Rainha e um passeio de barco que voltou a culminar com um lanche ribatejano. Com estes festejos pretendem levar o fado para o futuro e continuar a falar de touros depois do Colete Encarnado.

Nenhum compromisso se repete de forma obrigatória ou formal. “Vivemos a festa e fazemos os nossos eventos mas não temos um calendário obrigatório”, conclui Leonor Costa.

No primeiro fim de semana de julho é quando a Tertúlia ganha vida além da que vai mantendo num círculo relativamente fechado, e vem festejar o Colete Encarnado para a rua.

O que, eventualmente, distinguirá a Tertúlia “Os Farras” das outras, é o facto de gostarem de receber gente de fora e a tentativa que fazem de associar sempre os seus encontros a um propósito ou tema interessante que seja pretexto para se reunirem e envergarem a t-shirt identificativa d’ “Os Farras”.

Quando questionado sobre os ídolos do universo de que faz parte, Mário Ferreira responde que o seu líder tauromáquico a cavalo é António Ribeiro Teles. Enquanto matador destaca nomes como José Júlio, José Falcão, Mário Coelho e Henrique Ponce. Quanto à figura feminina, o nome que salta é Sónia Matias.

junho a setembro

Teatro e música ao vivo

Póvoa de Santa Iria
Praia dos Pescadores

Alvenca do Ribatejo
Praça João Mantas

**Noites
de
Verão
2019**

Vila Franca de Xira
Praça Afonso de Albuquerque

Alhandra
Praça Soeiro Pereira Gomes

Vialonga
Parque Urbano da Flamenga

Castanheira do Ribatejo
Adro da Igreja

Mais informação em
www.cm-vfxira.pt



Vila Franca de Xira

Pavilhão Multiusos e Parque Urbano 2019

feira anual

2 A 13 DE OUTUBRO

de outubro

39.º

4 A 13 DE OUTUBRO

Salão de artesanato

